

Turismo de base comunitária: convivencialidade e conservação ambiental

RESUMO

As contendas que vem sendo travadas com o fenômeno do turismo possibilitam repensar na atividade rumo a um novo modelo que atenda os critérios da sustentabilidade e também a um novo tipo de turista. Neste estudo é apresentado o perfil da demanda turística que se identifica com a nova modalidade denominada "turismo de base comunitária", por meio de pesquisa realizada junto aos visitantes das pequenas comunidades rurais de Brejumirim, Candonga, Canhembora e Rio Sagrado de Cima que compõe o território do Microbacia do Rio Sagrado, em Morretes no Paraná. A partir da identificação das motivações e características deste novo tipo de turista, apresenta-se alguns conceitos e característica da área de estudo. A conclusão é que o perfil deste visitante analisados, está diretamente ligado à sua bagagem cultural e seu nível de consciência socioambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo comunitário, sustentabilidade, motivações, perfil da demanda.

ABSTRACT

The strife against the tourism's phenomenon makes possible to rethink the activity toward a new model, based on sustainability and that also cares the new type of tourist. In this study we present the tourist demand profile who is identifies with the new mode called "community-based tourism, through research conducted with visitors to the small rural communities Brejumirim, Candonga, Canhembora and Rio Sagrado de Cima that make up the territory Micro Sacred River Basin in Antonina(Pr). It was possible to identify the motivations and characteristics of this new type of tourist. At the end of the article it presents the profile of visitor, which is related the cultural experience and social environment conscience.

KEYWORDS: Communitarian tourism, sustainability, motivation, the demand profile.

Isabel Jurema Grimm

Turismóloga, especialista em Didática e Metodologia de Ensino, Mestranda em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

E-mail: isabelgrimm@ibest.com.br

Carlos Alberto Cioce Sampaio

Pós-Doutor em Ecosocioeconomia, Professor da UFPR, Setor Litoral e Programa de Pós-Graduação (Doutorado e Mestrado) em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Pesquisador P&Q-CNPq. Associado Fundador Instituto LaGOE.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o setor turístico experimentou uma vertiginosa expansão global, chegando a ser considerada de grande expressão na economia mundial. A ampliação geográfica do setor respondeu a processos distintos como: réplica às novas demandas de mercado; como estratégia de desenvolvimento local; e, sobretudo, para liberar e integrar mercados regionais (MOLINA, 2003). Na perspectiva de uma nova demanda, e na oportunidade de inclusão na atividade turística de comunidades distanciadas do contexto da economia globalizada, surge uma nova modalidade turística capaz de oferecer as mais variadas oportunidades de inserção e opção de vivências aos turistas: o turismo de base comunitária.

O Turismo Comunitário não é apenas uma atividade produtiva, procura ressaltar o papel fundamental da ética e da cooperação nas relações sociais. Valoriza os recursos específicos de um território e procura estabelecer relações de comunicação/ informação com agentes externos, entre eles e os visitantes. Considera, portanto, a existência de uma relação dialética entre os turistas e a comunidade receptora, como afirma Sampaio (2006, p. 6),

Ambos [visitantes e comunidades receptoras] considerados agentes de ação socioeconômica ambiental que devem repensar as bases de um novo tipo de desenvolvimento, regulando padrões de consumo e estilos de vida, e de um conjunto de funções produtivas e sócio-ecológicas, regulando a oferta de bens e serviços e seus impactos ambientais.

O turismo de base comunitária acontece e é projeto piloto. Segundo Sampaio & Coriolano (2009), é pensado como um projeto de desenvolvimento territorial sistêmico e sustentável, a partir da própria

comunidade, na qual promove a convivencialidade¹ (Illich, 1976) entre população originária residente e visitante. Sendo de base comunitária, o turismo fomenta a relação social entre modos de vida distintos, resgatando e reconstruindo o interesse pelo outro, pelo diferente, pela alteridade, pelo autêntico. Os socioempreendimentos, inerentes a esta modalidade, fazem parte do arranjo produtivo local denominado APL. Com (Arranjos Socioprodutivos de Base Comunitária) e que oferecem aos visitantes atividades denominadas vivências.

Colocadas estas definições, este artigo tem por objetivo apresentar o perfil desse novo turista, elemento central de um turismo de base comunitária. O estudo foi realizado por meio de entrevistas realizadas junto ao visitantes locais, durante o período de um ano nas próprias comunidades, nas quais utilizando-se de pesquisa participante buscou-se conhecer os pontos de referência e pontos de interesse turístico. Dentre as premissas do estudo, está aquela de que esta nova modalidade de turismo pode fazer diferença e colaborar na construção de uma sociedade mais sustentável, justa e igualitária aliada ao prazer de fazer turismo de uma maneira diferente.

O campo empírico escolhido para guiar esta discussão é o território do Rio Sagrado, situado no município de Morretes no estado do Paraná. Sua ênfase se dá nas motivações e no perfil dos visitantes das comunidades de que fazem parte da microbacia do Rio Sagrado. Inserida na área de Preservação Ambiental (APA) de Guaratuba, Unidade de Conservação Ambiental de Uso sustentável e também é parte integrante da Reserva da Biosfera (REBIO) de Floresta Atlântica. No local concentra-se uma

¹ Illich define convivencialidade como o inverso da produtividade industrial...“a passagem da produtividade para a convivencialidade é a passagem da repetição da carência para a espontaneidade” (ILLICH, 1976, p. 25).

povoação de 520 famílias residentes e proprietários de chácaras. A área além de sustentar modos de vida tradicionais que sintetizam culturas indígenas, europeias e africanas possui expressiva biodiversidade (HENRÍQUEZ et al, 2009).

O território do Rio Sagrado é formado por uma paisagem natural de surpreendente beleza onde se destaca o Salto do Sagrado como importante atrativo turístico. A construção da valorização social, cultural, ambiental e espacial demonstra que existe uma estética já socialmente estabelecida e preservada na qual reside a potencialidade de despertar o interesse dos visitantes. Outro fator determinante do potencial paisagístico e natural do referido território é o fato desta porção da floresta atlântica abrigar mais de 65% das espécies de mamíferos e quase 50% das espécies de aves identificadas no Paraná (MIRANDA e URBAN, 2007).

Turismo: novas tendências, novos consumidores

A palavra “turismo” surgiu no século XIX, porém, a atividade estende suas raízes pela história. Certas formas de turismo existem desde as mais antigas civilizações, mas foi somente após a 2ª Guerra Mundial, que ele evoluiu relacionado ao poder de compra das pessoas e a restauração da paz no mundo. Na atualidade o turismo é uma das principais atividades econômicas geradoras renda, contribuindo para a troca de experiências e conhecimento, para a possibilidade de fazermos novos amigos e de descobrirmos o que cada lugar tem de especial (GRIMM, 2008).

Para se conceituar o turismo deve-se entender que ele é feito para as pessoas, que implica demanda ou turistas e que envolve o deslocamento destas pessoas ao destino, ou seja, para os lugares que ofertam um produto turístico capaz de motivá-las a viajarem.

Sampaio (2005) destaca que o foco colocado no turismo, visto como fenômeno humano justifica-se pela necessidade de se levar em conta os interesses das comunidades receptoras no momento de se tomar decisões sobre diretrizes de políticas. Para a Organização Mundial do Turismo – OMT, o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.

O turismo é causa-efeito de uma dinâmica humana, entre deslocar-se e permanecer-se. Novos modos de ação humana surgem, concomitantemente, quando modos de agir tradicionais estão desaparecendo (SAMPAIO, 2005). Percebe-se desta forma que surgem novos apontamentos para uma nova demanda turística, formada por consumidores mais informados e conscientes, com outras prioridades e que manifestam motivações mais complexas e variadas que em décadas passadas – caracterizada pela forte massificação e pelo *status*. Diante da problemática ambiental que a sociedade atual está enfrentando, estes novos turistas demonstram ter maior consciência ecológica e preocupam-se com a preservação da autenticidade cultural das comunidades tradicionais (OMT, 2001; CORIOLANO, 2006).

Assim ao se ingressar no século XXI, a humanidade se depara com o homem buscando novos cenários, onde o consumo que proporciona *status* e desenha as relações sociais e o estilo de vida são marcas de “ser” e de poder (NETTO, 2009). Buscadores de outro aspecto da vida diária, a simplicidade que desafia o modismo e privilegia a manutenção de hábitos e tradições antigas, reafirmando identidades e a sobrevivência das formas simples e dignas de viver.

Para satisfazer estes novos consumidores, outras modalidades de turismo estão surgindo, caracterizando a essência do turismo temático e possuindo definições e objetivos

singulares. Entre estas novas modalidades destacamos neste trabalho o turismo de base comunitário operacionalizado a partir de uma rede de sócio-empresários individuais e coletivos, no qual se auto-gestionam os recursos patrimoniais comunitários, como o arranjo das práticas democráticas e solidárias no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos, com vistas a fomentar encontros interculturais de qualidade com os visitantes (MALDONADO, 2005).

De acordo com Sampaio (2005), o turismo comunitário não se limita apenas à observação ou, ainda, à convivência com as populações autóctones, mas consiste também no envolvimento com os próprios projetos comunitários. O resgate do envolvimento, da solidariedade e do desenvolvimento humanizado passa pelo resgate e reconstrução da dimensão ética que surge nos espaços comunitários e são percebidos a partir da vivência exigindo que indivíduos se voltem para o outro, pois no anonimato não há solidariedade, não há cooperação.

Importante ainda observar a necessidade de adoção de ações e instrumentos de preparação e controle da atividade na localidade receptora. Nota-se que muitos destinos turísticos vivenciam um ciclo de vida que atende ao investimento, desenvolvimento e consolidação, chegando a um rápido declínio tradicionalmente relacionado à massificação do local. Para maximizar os resultados positivos no destino e, ao mesmo tempo, minimizar os impactos negativos é necessário incentivar o planejamento da atividade turística de forma sustentável.

Sem o pretérito de discutir o conceito de sustentabilidade e diante da multidimensionalidade deste, destacamos um modelo de análise que permite compreender a noção de sustentabilidade. Sachs (1993) propõe cinco dimensões desta análise: a sustentabilidade social que objetiva maior equidade na distribuição de bens e renda, reduzindo a diferença entre padrões de vida de ricos e pobres;

econômica que visa a eficiência econômica avaliada em termos macrosociais a alocação eficiente de recursos, além de constantes investimentos públicos e privados; a espacial buscando a obtenção de uma configuração rural-urbana mais equilibrada e melhor distribuída; cultural que se refere às mudanças baseadas na continuidade cultural, de raízes endógenas respeitando ecossistemas, cultura e área e a ecológica que pretende conservar a biodiversidade por meio da redução de consumo de recursos não renováveis, diminuição do volume de resíduos e poluição, definição de normas de proteção ambientais, intensificação de pesquisas em novas tecnologias etc.

Em vista disso, o turismo de base comunitária deve ser organizado e dirigido pelos moradores da comunidade, onde a participação de todos deve ser uma regra, minimizando os efeitos nocivos ao meio ambiente, não gerando exclusão, marginalidade e miséria.

Motivações e percepções de uma demanda

A caracterização e conceituação da demanda são tão ambíguas que apresenta uma série de definições. Para Boullón (2001) é necessário que se faça uma análise completa dos seguintes tipos de demanda:

- a) Demanda real: quantidade de turistas que há um determinado momento em determinado lugar;
- b) O turista real-consumidor potencial: refere-se aos gastos adicionais realizados durante a viagem e que não foram pagos antecipadamente.
- c) Demanda histórica: registro estatístico da demanda real passado, para análise de suas variações e evolução.
- d) Demanda futura: cálculo feito a partir da demanda histórica para avaliar o crescimento, estagnação ou diminuição da demanda a partir do presente.

e) Demanda potencial: mercado emissor ainda não conquistado (demanda futura).

No Brasil a demanda apresenta aos poucos um comportamento que busca conhecer a cultura, os hábitos da população, a natureza e a história dos locais visitados. Diante destas tendências de novos padrões, desponta-se um novo segmento de mercado, com foco nos anseios de uma geração que idealiza a ética, a identidade e, principalmente, as vivências, aproximando-se do que Illich (1976) define como convivencialidade.

Estas vivências consistem em viver intensamente a experiência. O turista deixa de lado o papel de expectador passivo, se engaja na cena e se torna o protagonista, isto é, passa a contracenar, a ver, sentir e agir no cenário. Deste modo, a motivação e a conduta dos turistas se caracterizam, cada vez mais, pelo crescimento da seletividade ao escolher o destino, da sensibilidade pelo meio ambiente e cultura local e pela exigência de qualidade da experiência (ZAMIGNAN, 2009). Portanto uma vez satisfeita as necessidades vitais do ser humano, ele passa a ter outra e entre elas se destaca a necessidade de viajar, onde a motivação se constitui o principal elemento na escolha do destino.

Max-Neff (2001) sugere que a satisfação das necessidades na escala humana deve passar pelas dimensões existenciais ou ontológicas como: ser, ter (aqui não se refere a bens materiais), fazer e estar; e as necessidades axiológicas como: subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, ócio, criação, identidade e liberdade. Esclarece ainda que o que muda na maneira de satisfazer as necessidades são o tempo e a cultura.

Para Marx e Engels (1996) num primeiro estágio, o homem deve dispor de condições materiais para viver e fazer história. Porém, assim que satisfazem estas necessidades logo criam outras, e esta criação material se

reproduz tão rapidamente quanto o próprio homem.

Para o turismo e o lazer as diferentes motivações que influenciam a demanda na tomada de decisão sobre que destino turístico escolher evidenciam que a atividade turística depende essencialmente da motivação das pessoas e, principalmente, de que suas necessidades vitais sejam satisfeitas.

Krippendorf (2003, p. 47) afirma que: (...) o ser humano viaja, sobretudo em função de um desejo de fuga. Na verdade, esta seria a principal razão de ser do turismo hoje. O universo industrial é percebido como uma prisão que incita a evasão. E isto porque, na realidade, o mundo do trabalho é feio, o ambiente é desagradável, uniformizado e envenenado, o ser humano é tomado pela necessidade obsessiva de se liberar, o que torna inevitável o desejo de fuga.

Surgida a partir da Revolução Industrial a concentração urbana e a alienação do trabalho fez nascer no homem a necessidade de evasão e descanso. Além da necessidade a vontade de viajar também é influenciada pelo modismo, pela mídia, pelo mimetismo e condicionada a disponibilidade de tempo, dinheiro e pelos determinantes geográficos e sociais.

A sociedade pós-industrial fez surgir um novo perfil de turista que tem, como principal motivação de viagem, a busca da mudança de ambiente, o rompimento com o cotidiano, o inusitado. Para ele a generalização da necessidade imperiosa de ampliação dos horizontes, do acesso a novas experiências para o enriquecimento pessoal se acentuará como maior instrumentalização para a acirrada competição no mercado de trabalho e também como motivo de satisfação individual. Coriolano (2003, p. 121) destaca que as motivações para as pessoas viajarem são muitas:

Algumas ligadas à educação e à cultura, como saber como vivem e

trabalham as pessoas de outros lugares, visitar monumentos, museus e ver peças de arte, conhecer melhor o mundo, compreender melhor os acontecimentos mundiais, assistir a eventos especiais culturais e artísticos. Por prazer, assim como para escapar da rotina diária e das obrigações, fazer aventuras, visitar novos lugares, buscar novas experiências, ter aventuras românticas. Por saúde e entretenimento, para descansar e recuperar-se do trabalho, do estresse, praticar esporte. Viajar com a família, com amigos e parentes, visitar lugares de onde procede a família. (...) Uma das maiores motivações na atualidade vem sendo aproveitar a natureza e assim surgiu o ecoturismo e o ecoturista, os hóspedes da natureza.

A diversidade de experiências de viagens vem resultando em novos tipos de turistas que reafirmam, por um lado, as tendências tradicionais e, por outro, refletem a aparição de novas. Montejano (1996) cita que estas novas tipologias se baseiam no que Auliana Poon chama de os “novos turistas”, que tem uma ampla experiência de viagens, selecionam mais e melhor seus destinos e a forma de viajar, valorizam mais os aspectos espirituais e ecológicos da viagem. Buscam o real e o natural nos destinos, não o alterado; tem mais tempo livre e são mais flexíveis, são espontâneos em suas escolhas. As atividades turísticas formam parte das necessidades fundamentais e da qualidade de vida desse novo tipo de turista que dedicam mais tempo a essas atividades.

Para efeito desta pesquisa e perante a diversidade e complexidade das tipologias turísticas, muitas vezes, é impossível limitar-se à utilização de um modelo específico, pois as características que compõem a personalidade dos indivíduos são amplas e variadas. Portanto, neste trabalho utilizou-se como base o perfil do turista da modalidade de turismo comunitário.

Turismo comunitário: uma nova modalidade, outro tipo de turista

Por comunitário, Maldonado (2005) caracteriza um sujeito coletivo, com direitos e obrigações, constituído com base na adesão voluntária de seus membros (indivíduos ou famílias), com ou sem sustento institucional no direito consuetudinário ou de viver em uma territorialidade comum.

Este artigo aborda o fenômeno turismo a partir da modalidade denominada turismo comunitário. Sampaio (2005, p.113) destaca que turismo comunitário é:

(...) uma estratégia de comunicação social que possibilita que experiências de planejamento para o desenvolvimento de base comunitária em curso, na qual a população autóctone se torna a principal protagonista, resgatando ou conservando seus modos de vida que lhes são próprios, possam ser vivenciadas através da atividade turística.

Pode-se observar que são muitas as vantagens para os adeptos desta nova modalidade de turismo, onde a interação com novas formas de vida diferentes da sua, mais simples favorecem o que pode ser chamado de experiências autênticas.

Na contribuição de Coriolano (2003) o turismo comunitário é aquele desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passaram a ser os articuladores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida.

Portanto deve-se tentar superar o atual modelo de desenvolvimento, tendo como características, sobretudo, as crises sociais decorrentes da má distribuição de renda e do baixo nível de educação, com necessidades políticas da sociedade tornando-se necessidades e aspirações de apenas um pequeno grupo privilegiado, que, aliás, é o que usufrui o chamado turismo de luxo, concentrador de riqueza nacional,

determinando e promovendo os negócios e a comunidade, e criando o nosso túnel de necessidades econômicas, que se apoiam em uma abundância industrial sob a benção dos recursos naturais atuais.

A promoção do turismo comunitário abre espaço para as comunidades, que são levadas à transformação das mesmas em núcleos receptores do turismo, buscando no mesmo, ferramentas para o desenvolvimento local, além de se auto-beneficiarem com a produção de produtos e prestação de serviços. Aderem ao associativismo por meio de cooperativas e outras modalidades de organizações comunitárias.

A modalidade de turismo de base comunitária surge num momento em que a demanda se apresenta cada vez mais ávida por novas experiências, buscando na vivencialidade a experiência de sua viagem. Este novo turista seleciona mais e melhor seus destinos e a forma de viajar, valorizam os aspectos espirituais e ecológicos da viagem; buscam o real e o natural nos destinos, não o meio alterado; tem mais tempo livre e são mais flexíveis; as atividades turísticas formam parte das necessidades fundamentais e da qualidade de vida; dedicam mais tempo as atividades turísticas; são mais jovens e ao mesmo tempo a expectativa e qualidade de vida fazem com que se amplie o segmento da população da terceira idade; para eles as férias são menos planejadas; procuram independência fazendo um tipo de viagem distinto do modelo praticado pelas massas, planejando e organizando suas viagens e atividades turísticas.

Conhecer o tipo de turista é fundamental para planejar um novo produto turístico, portanto, a segmentação de mercado pode ser vista como uma forma de classificação do consumidor sob a perspectiva mercadológica o que facilita sua comercialização e garante o direcionamento dos esforços de venda e retorno do investimento. Assim demandas potenciais que tenham necessidades e desejos, percepções de valores ou comportamentos de compra

semelhantes podem ser alcançados tornando-se futuros turistas, levando em conta, essencialmente, pessoas que tratam o turismo como um fenômeno humano, e não como uma atividade exclusivamente econômica.

Área de estudo: breve análise da comunidade do Rio Sagrado

A área estudada situa-se na Microbacia Hidrográfica do Rio Sagrado, composta pelas comunidades do Rio Sagrado de Cima, Canhembora, Brejumirim e Candonga (zona rural do Município de Morretes, PR), pertencente à Área de Preservação Ambiental (APA) de Guaratuba e a Reserva da Biosfera de Floresta Atlântica (ReBIO). A APA de Guaratuba é uma Unidade de Conservação Estadual de uso sustentável instituída pelo Decreto Estadual nº 1.234 de 27/03/92 (OLIVEIRA e SARNEY, 2000).

A localidade de Morretes situa-se aproximadamente a 65 km de Curitiba (PR), a 45 km do Porto de Paranaguá (PR) e a 190 km de Blumenau (SC). A principal rodovia de acesso até comunidade do Rio Sagrado é pela BR. 277. Para o interior da região os acessos são feitos por estradas de chão e apresentam certas dificuldades em alguns percursos. A estrada principal (Estrada das Canaveiras) é transitável. Contudo, o excesso de chuvas na região, bem como a falta de manutenção das estradas dificulta muitas vezes o tráfego. Em algumas ruas transversais não é indicada a passagem de veículos.

Vale destacar que a referida microbacia, integra a bacia hidrográfica litorânea, inserida na Reserva da Biosfera de Floresta Atlântica (IAP, 2009). O território do Rio Sagrado é formado por uma paisagem natural de surpreendente beleza cênica onde se destaca o Salto do Sagrado como importante atrativo turístico. A construção da valorização social, cultural, ambiental e espacial demonstra que existe uma estética já socialmente estabelecida e preservada na qual reside a potencialidade de despertar o interesse dos visitantes

Outro fator determinante do potencial paisagístico e natural do referido território é o fato desta porção da floresta atlântica abrigar mais de 65% das espécies de mamíferos e quase 50% das espécies de aves identificadas no Paraná (MIRANDA e URBAN, 2007).

Em referência aos aspectos sociopolíticos as comunidades estão organizadas em duas associações. A Associação de Moradores do Rio Sagrado (AMORISA) com a principal finalidade da gestão do abastecimento da água, e a Associação Comunitária Candonga com a finalidade da agro-industrialização de produtos *in natura* em sua sede (onde está instalada uma cozinha comunitária) e desenvolve ações com o intuito de atuar na defesa dos interesses sociais, culturais e econômicos das famílias associadas. Em ambas as associações os membros se reúnem com periodicidade mensal. As comunidades contam também com o barracão São Francisco de Assis, vinculado à igreja católica, onde se realiza a principal festa da comunidade intitulada Festa de São Francisco. No local encontram-se 520 famílias, das quais 270 são consideradas residentes e 250 famílias não-residentes, ou seja, possuem propriedades para o lazer em finais de semana. Algumas das famílias residentes são pequenas produtoras agrícolas.

Atividades produtivas da localidade aldeã

As comunidades inseridas na microbacia do Rio Sagrado se constituem num pequeno povoado caracterizado como rural, com uma economia baseada na pequena produção agroindustrial da cana-de-açúcar, da mandioca e de frutas e verduras e são organizados pelos sócio-empresendimentos localizados na região. A banana abundante no local é importante matéria-prima para a produção de doces, balas, chips e para produção do artesanato feito com a fibra da bananeira. Na cozinha comunitária 20 famílias preparam compotas e conservas de frutas típicas

do local, bala de banana, bolachas e os chips de mandioca e de banana.

O comércio é pequeno carecendo de diversificação. Na localidade encontram-se duas pousadas, alguns bares, pequenos mercados (cuja venda restringe-se a produtos de primeira necessidade), uma pequena loja de roupas, um salão de beleza, uma de materiais de construção e uma chácara que vende plantas ornamentais e outra que vende o sorvete Sabor da Serra. Não há farmácia, açougue, correios, supermercado, padaria ou confeitaria. Os produtos artesanais podem ser adquiridos diretamente com os produtores da comunidade; através da Hospedaria Montanha Beija-Flor Dourado, a qual expõe diversos produtos artesanais para os hóspedes, além da Cozinha Comunitária, na sede da Associação Comunitária Candonga. Há ainda a possibilidade de compra do artesanato na Feira de Morretes, que acontece no centro da cidade, onde um grupo de moradores das comunidades da microbacia expõe e vendem seus produtos.

O turismo solidário – modalidade já conceituada anteriormente - acontece na localidade e é segundo Sampaio & Coriolano (2009) pensado como um projeto de desenvolvimento territorial sistêmico (sustentável) a partir da própria comunidade, na qual promove a convivencialidade entre população originária residente e visitante. Sendo de base comunitária, o turismo fomenta a relação social entre modos de vida distintos, resgatando e reconstruindo o interesse pelo outro, pelo diferente, pela alteridade, pelo autêntico.

Infraestrutura local: sem farás decorativas para receber o visitante

Na localidade existem minimercados, bares, igrejas, escolas e um posto de saúde. A criação de um espaço social composto de uma cozinha comunitária e de uma biblioteca são

exemplos da iniciativa de trabalho tendo como parceiros a universidade (por meio do conhecimento científico) e comunidade local, neste caso o grupo da terceira idade (aliando o conhecimento tradicional), que está trazendo resultados positivos.

A infraestrutura para o turismo ainda é modesta. Contudo no local é possível desfrutar de momentos agradáveis, pois na comunidade está disponível uma série de vivencialidades capazes de ocupar de forma prazerosa o tempo dos visitantes. Vale lembrar que como em qualquer outro local que atenda aos turistas é necessário agendar a visita/hospedagem. As opções de vivencialidades são:

O turismo como elemento formados da consciência ambiental

A APA de Guaratuba teve seu Plano de Manejo concluído em 2006, contudo a aplicação e fiscalização do seu conteúdo ainda não são evidenciadas. Entre os muitos problemas relacionados à ocupação do território se confirmar a difícil relação homem – natureza. De acordo com o estudo feito para o Plano de Manejo da APA de Guaratuba a região de Morretes (território onde estão inseridas as localidades em estudo) apresenta a condição especial de fazer limites com regiões de características importantes para o planejamento das ações subsequentes, podendo destacar: a) o processo de expansão da atividade agrícola para dentro dos limites da APA; b) a elevada pressão promovida pela expansão demográfica; c) o estabelecimento de atividades ligadas ao turismo e chácaras de lazer em substituição a agricultura tradicional; d) a ocupação das porções mais privilegiadas, sob o ponto de vista agrônomo, pela agricultura comercial, ou seja, mais tecnificada e intensiva em insumos industriais; e) limitações do modelo atual de agricultura familiar tradicional em garantir a reprodução física e material dos agricultores e sua família (IAP, 2009).

VIVÊNCIA OFERTADA	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE
Engenho de Farinha	Os turistas participam da demonstração do processo de transformação artesanal da mandioca em farinha e biju, em um antigo engenho de farinha.
Café	É possível conhecer todo o seu processo de fabricação, que vai desde a retirada do grão do cafeeiro até o café pronto para ser consumido.
Cozinha Comunitária	São preparadas compotas e conservas de frutas típicas do local, bala de banana, bolachas e o de mandioca e de banana. Incluem-se ainda as atividades de agroecologia onde os turistas são levados para conhecer cultivos de horta sem o uso de agrotóxico e com adubação orgânica.
Ervas Medicinais	É possível acompanhar a extração de ervas e fabricação artesanal de essências fototerápicas, sendo que o visitante conhece um pequeno laboratório onde se trabalha com ervas naturais, no qual são preparados cremes, pomadas, travesseiros aromáticos e repelentes.
Artesanato com Fibra da Bananeira e Cipó Imbé.	O turista pode acompanhar a extração da fibra da bananeira e do cipó e a confecção do artesanato, onde é demonstrado o processo de seleção e secagem da fibra na propriedade e são confeccionados itens de decoração artesanais.
Trilha no Bananal	Passeio por trilhas abertas na mata, onde é possível chegar até belas cachoeiras.
Roda de música	A roda de viola ao redor da fogueira é oferecida por músicos regionais e nesta atividade são tocadas músicas tradicionais e as pessoas são motivadas a participarem da cantoria.
Alambique	A agro-industrialização da cana-de-açúcar, que ocorre a partir de uma unidade de destilação e a produção artesanal de licores. Os visitantes recebem informações a respeito da fabricação da cachaça, que vai desde a extração da cana até o engarrafamento do produto.
Observação de pássaros	Os visitantes recebem informações sobre as características dos pássaros encontrados no local. Depois são guiados pela floresta para realizar a observação. A vivência é baseada em estudos de ornitologia, oferecida por uma estudante de biologia, e na sabedoria tradicional de um agricultor local, que oferece serviços de guia comunitário.
Ioga e Reiki	Terapias Complementares.
Feira de Trocas	Espaços para novas e velhas formas de relacionamento para a troca de bens, serviços e saberes, não sendo necessária a utilização de dinheiro para intermediar a troca. A periodicidade é mensal, realizada no último sábado de cada mês. Está em sua 25ª edição e tem como principais participantes os próprios moradores da comunidade e visitantes.

Quadro 1. Vivências oferecidas pela hospedaria e espaço da convivencialidade Montanha Beija-Flor Dourado.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de: www.montanhabejiaflordourado.com.br e ZAMIGNAN, 2009.

Ainda de acordo com o Plano de Manejo da APA de Guaratuba nesta unidade de conservação as atividades produtivas desenvolvidas são a agricultura familiar; agricultura moderna ou comercial; pecuária familiar; exploração mineral; pesca; agroindústria - fabricação de produtos alimentícios; prestação de serviços (chácaras); extrativismo animal (caça); extrativismo florestal (ornamentais, bromélias, xaxins, palmito). Configurando em conflitos entre população local e preservação ambiental.

Entre as atividades conflitantes que podem ocorrer em quase toda a extensão da APA de Guaratuba o mesmo Plano de Manejo destaca ainda a extração desordenada de recursos florestais e animais; ocupação desordenada; uso de agrotóxicos; caça; mineração; degradação de sítios arqueológicos; reflorestamento espécie exótica invasora (pinus).

Outro fator determinante que se apresenta também na área de estudo é a ocupação do solo. Segundo IBGE (2002), há franca predominância da categoria proprietários, seguida pela do ocupante/posseiro. As informações colhidas junto aos técnicos que atuam na região apontam posseiros como categoria predominante. Fica o registro da necessidade de aprofundar o conhecimento das questões da titulação das terras e a dupla apropriação dos lotes.

A atividade produtiva nas comunidades inseridas na microbacia do Rio Sagrado, que se constituem num pequeno povoado caracterizado como rural, está baseada na pequena produção agroindustrial da cana-de-açúcar, da mandioca, de frutas e verduras e, são organizados pelos sócio-empresendimentos localizados na região. A banana abundante no local é importante matéria-prima para a produção de doces, balas, chips e para produção do artesanato feito com a fibra da bananeira. Na cozinha comunitária 20 famílias preparam compotas e conservas de frutas típicas do local, bala de banana, bolachas e os chips de mandioca e de banana.

Neste contexto ocupacional, surge a necessidade de políticas que visem a sustentabilidade local aliado à participação comunitária que poderá então gerir seus interesses sociais e econômicos congregados à preservação do meio ambiente.

No território do Rio Sagrado o turismo é importante atividade e o sucesso dos projetos depende principalmente de uma conscientização dos membros da comunidade com relação aos problemas ambientais, notadamente a conservação dos recursos naturais. As atividades de turismo estão intimamente ligadas às características e às condições ambientais e qualquer problema neste âmbito acarretará, sem dúvidas, impactos negativos nessa atividade descaracterizando esta modalidade turística que prima pela qualidade ambiental e conservação das características culturais do local.

O que se tem observado nestas localidades que trabalha no sentido de receber visitantes é uma constante mudança no trato com a natureza, que passam a privilegiá-la, pois, percebem que esta é fundamentalmente o principal atrativo do local. Contudo a fragilidade do ambiente requer um zoneamento geoambiental que permita identificar as áreas mais suscetíveis à erosão; definir áreas a serem recuperadas ou de proteção ambiental; gerar informações que embasem o planejamento ambiental (proteção, conservação, recuperação ambiental) e possibilitem a tomada de ações educativas e preventivas no planejamento do uso do solo, como atividades agrícolas, silvicultura e o turismo. Assim o turismo comunitário exercido de forma planejada e controlada pode colaborar tornando esta uma atividade de baixo impacto negativo e de grande responsabilidade social e ambiental no que tange à preservação do meio ambiente e da cultura local.

Nesse sentido a pesquisa realizada com o objetivo de avaliar o perfil do visitante da modalidade de turismo comunitário, apresenta de forma positiva que as localidades vêm

recebendo um turista responsável preocupado com as questões ambientais e com a preservação da cultura local, corroborando ainda para a diversificação da produção e comercialização dos produtos agro industrializados e do artesanato local. Assim, o turismo implementa a renda dos moradores constituindo-se em fonte de renda e emprego. Negativamente percebe-se a falta de qualificação para receber o turista, bem como da falta de conhecimento para administrar e diversificar as possibilidades de negócio.

Contudo, várias ações estão sendo executadas numa parceria entre comunidade local e universidades (FURB – Blumenau e UFPR – litoral), com o intuito de minimizar estas questões por meio da realização de oficinas de trabalho. Dessa forma a atividade turista no local caminha para uma melhor profissionalização atentando para questões de preservação ambiental e da valorização da cultura autóctone.

MATERIAL E MÉTODO

O perfil do turista que visita a comunidade

Na realização desta pesquisa, tendo como estratégias de coleta e análise dos dados técnicas qualitativas e quantitativas de investigação, assim como utilizou-se do tipo de pesquisa participante. A pesquisa participante se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas envolvendo um processo de investigação, de educação e de ação, com o objetivo de mudança ou transformação social. (HAGUETTE, 2003).

Na fase principal, do trabalho compreendido foram realizadas entrevistas semiestruturadas através de um roteiro de coleta de dados com visitantes que participaram das experiências de turismo comunitário. Com o levantamento foi o de identificar o perfil do turista, bem como conhecer sua percepção em relação ao turismo de base comunitária. Outra forma

adotada para a coleta de dados foi a participação e acompanhamento das vivências nas comunidades.

O questionário a ser respondido constituiu-se em questões fechadas e questões abertas. As questões fechadas tinham como principal objetivo identificar o perfil dos turistas do Rio Sagrado (local de origem, gênero, faixa etária, estado civil, grau de instrução, profissão, renda mensal) e para a identificação das preferências quanto à operacionalização da viagem (como foi organizada, os meios de transporte e de hospedagem utilizados, tempo de permanência no destino, média de gastos da viagem, acompanhantes). Já para levantar os principais fatores motivacionais e analisar a percepção e concepção dos visitantes sobre turismo comunitário, utilizou-se de questões abertas.

Devido à problemática de sazonalidade turística do destino, houve dificuldade na aplicação dos questionários, pois as visitas ao Rio Sagrado acontecem em períodos alternados, não tendo uma demanda constante. Cabe ressaltar que a própria forma de avaliar a os resultados obtidos pode apresentar-se como limitação da pesquisa, uma vez que retrata a realidade por uma determinada ótica, não esgotando as possibilidades de avaliações posteriores.

Nesse sentido, após análise, interpretação e avaliação dos resultados, a pesquisa teve como direcionamento principal à

apresentação dos resultados obtidos, sobre o perfil do turista que visita as comunidades com intuito de mostrar aos residentes quais são os principais motivações dos turistas e quais são suas percepções do destino, para que possam futuramente, potencializar a oferta de vivências ou de produtos. Buscou-se ainda fornecer dados que possam conscientizar os moradores locais da necessidade da preservação ambiental e da valorização da cultura local para o sucesso da atividade turística no território.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As comunidades do Rio Sagrado têm recebido visitantes que buscam um diferencial. Em sua grande maioria são brasileiros provenientes da região do entorno, os estrangeiros são jovens estudantes e pesquisadores chilenos que participam do projeto coordenado pelo Instituto LaGOE, Laboratório de Gestão de Organizações que Promovem o Ecodesenvolvimento, em parceria com a Universidade Regional de Blumenau (FURB) e Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, juntamente com a Associação Comunitária Candonga e Associação dos Moradores do Rio Sagrado (AMORISA) na qual vem articulando uma rede de esforços de organizações que pensam sistemicamente (globalmente) e atuam comunitariamente (localmente) nas comunidades da Microbacia do Rio Sagrado, Morretes (PR), transformada

em uma Zona de Educação para o Ecodesenvolvimento.

A faixa etária dos visitantes oscila e o grau de instrução dos entrevistados são geralmente estudantes universitários de graduação e pós-graduação. Muitos são ainda estudantes, outros professores, funcionários públicos, e empresários. Vale destacar que muitos vão ao local para pesquisa, conhecimento e descanso. Entre os visitantes é possível perceber um alto grau de exigência, pois a maioria viaja com muita frequência havendo assim comparatividade quanto à qualidade do produto, e serviços oferecidos. Isso sugere a necessidade de profissionalização dos agentes locais que atuam na área do turismo para que possam se adequar às exigências do mercado, sem, no entanto perder a autenticidade.

O tempo de permanência e gastos médios no local ainda é baixo, podendo ser aumentado com a melhoria das atrações e divulgação (plano de marketing) deste destino turístico. Outro fator importante é a frequência da viagem que ocorre várias vezes ao ano e em sua maioria por grupos vindo de ônibus com a viagem agendada. Os fatores motivacionais que levam o turista a conhecer o Rio Sagrado, relacionaram-se ao interesse pelo estudo e/ou pesquisa, pelo contato com a natureza e pelo desejo de conhecer outros povos e culturas (ver gráfico 01).

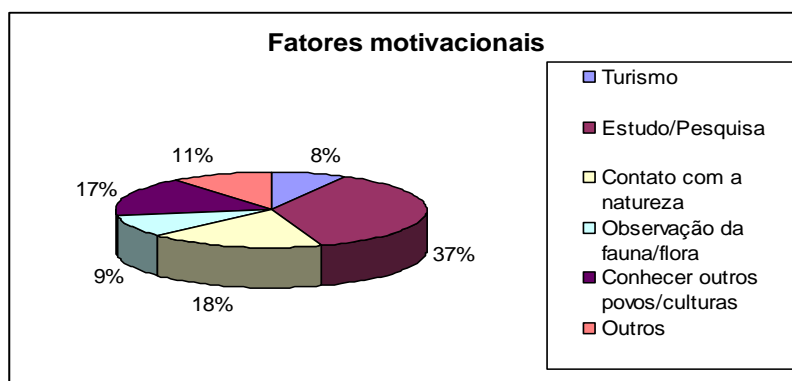


Gráfico 01 – Fatores que motivam o visitante a conhecer o Rio Sagrado.
Fonte: Zamignan, 2009.

A satisfação e a realização dos desejos ao se programar uma viagem é elemento fundamental. Os visitantes do Rio Sagrado demonstram-se satisfeitos quanto à oferta (produtos, serviços, vivências e atendimento) oferecidas, o que resulta em interesse em retornar ao local.

A avaliação feita pelos turistas contemplou critérios da infraestrutura básica, de apoio e turística, resultando satisfatoriamente em vários itens. Porém a sinalização e o acesso ao local receberam as menores notas o que denota a necessidade de melhorias.

Na pesquisa foi possível expressar o sentimento do entrevistado quanto ao lugar visitado. Na percepção intelectual do entrevistado destacam-se:

- Um meio para a conservação de modos de vida de comunidades tradicionais e a preservação da biodiversidade.

- Que é uma linda intenção, mais precisa de gente com decisão e compromisso com aquilo. É um trabalho de longo prazo e de muita persistência e educação constante.

- Turismo comunitário valoriza os povos e seus costumes, o elemento fundamental desse turismo é a comunidade receptiva e não somente a satisfação do turista, o desenvolvimento endógeno proporciona dinâmicas microrregionais valorizando aspectos locais e promovendo de alguma forma a sustentabilidade da localidade.

- Acredito que a aproximação com os moradores de um lugar, passando a articular e construir a cadeia produtiva deixando a renda no lugar para a melhoria da qualidade de vida dos seus moradores

- Uma modalidade de turismo que, ao contrário do turismo de massa (convencional), não se inspira na lógica do capital. O turismo comunitário privilegia comunidades tradicionais que são esquecidas ou desfavorecidas por essa lógica.

- Acho muito bom, desde que o meio ambiente seja respeitado, seguindo-se o código ambiental, tendo a consciência de que

esta atividade ocorre em uma Área de Preservação Ambiental.

- Uma forma alternativa à convencional de fazer turismo, preocupada com os impactos gerados e na manutenção de modos de vida tradicionais e biodiversidade.

- É aquele tipo de turismo que busca oportunizar alternativas para comunidades com desvantagens socioeconômicas, onde os próprios integrantes da comunidade gerem a atividade oferecendo a possibilidade de contato e trocas de experiências com os visitantes do local.

- Tipo de turismo onde a pessoas procuram novas vivências, troca de experiências e por contra parte um acolhimento da comunidade local.

- Turismo realizado em comunidades pouco desenvolvidas como meio de possibilitar o desenvolvimento das mesmas e também a geração de empregos e novas oportunidades.

Dada a importância do meio natural como atrativo turístico nessas localidades, evidencia-se que os danos ambientais provocados pelo turismo ou pelo seu desenvolvimento descontrolado como poluição, destruição da paisagem natural e de áreas agro-pastoris, instalação de equipamentos e infraestrutura para o turismo, destruição da fauna e da flora, degradação da paisagem de sítios arqueológicos e de monumentos, congestionamentos, conflitos e tensões sociais, competitividade podem ser minimizados a partir do planejamento adequado e do apoio à estas comunidades no que tange ao desenvolvimento da atividade turística.

Destaca-se ainda, que as comunidades receptoras devem ter conhecimento sobre turismo e sobre turistas e de todos os impactos que a atividade pode provocar no território e na cultura local, assim como os turistas também devem conhecer e respeitar os locais visitados, pois, dessa maneira não serão originados conflitos entre visitantes e visitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que a vantagem para o turista em realizar o turismo comunitário começa com uma nova forma de relação ou de intervenção com a realidade tão distante da sua, favorecendo o que se pode chamar de experiência autêntica (Ribeiro, 2009). Outra relação importante neste novo tipo de turismo é a troca de experiência que não se constitui em algo artificial. Ela ocorre exatamente como é: sem intervenções, sem disfarces, sem cenários. Ela é a realidade nua e crua da vida e da lida diária dos habitantes dessas localidades que o turista passa a fazer parte, e, portanto deve estar preparado para poder respeitar as diferenças, no sentido de promover culturas sustentáveis.

Outro determinante do turismo comunitário é o contato com a natureza até mesmo em lugares pouco explorados, podendo atender a dinâmica de conservação de locais muitas vezes ameaçados pela exploração extrativista. No Rio Sagrado a intocabilidade da natureza pode ser percebida. Longe de apresentar uma situação positiva no que concerne à preservação meio natural, as comunidades caminham passo a passo junto com a comunidade acadêmica para a solução de seus problemas ambientais. É bom destacar que muitas atrações naturais da região ainda não são visitadas, como é o caso da inúmera quantidade de cachoeiras existentes e que ainda não recebem turistas por estar em lugares de difícil acesso ou mesmo serem conhecidas somente por moradores locais.

O perfil dos turistas que visitam estas comunidades está diretamente ligado à sua bagagem cultural e seu nível de consciência socioambiental. Para eles o Turismo Comunitário é uma forma alternativa à convencional de fazer turismo, onde a aproximação com os moradores do lugar passa a articular e construir a cadeia produtiva deixando a renda no local para a melhoria da qualidade de vida dos seus moradores. Na visão

desta demanda esta modalidade de turismo se desenvolve a partir dos modos de vida e costumes dos moradores de uma determinada comunidade, fazendo com que se preocupem com os impactos gerados e na manutenção dos modos de vida e na preservação da biodiversidade. Seu perfil está diretamente ligado à possibilidade de contato e troca de experiência com o local visitado.

Os benefícios para as comunidades locais que dependem de uma atividade de baixo impacto (número controlado de turistas) para diversificar sua economia e preservar o meio ambiente, divulgar sua cultura por meio da convivencialidade e gerenciar suas atividades sociais com dignidade, passa pelo turismo de base comunitária. Para o turista consciente a vantagem de colaboração, participação e convivência com mundos diferentes, para que possa aprender a respeitar as alteridades, pois a partir delas equilibramos a existência da vida no planeta chamado terra.

Com tudo antes de encerrarmos este artigo vale lembrar que o Rio Sagrado é um território frágil desde o aspecto geológico e paisagístico natural, carecendo de atitudes conscientes para a proteção do meio ambiente tanto quanto da comunidade que ali vive quanto dos visitantes. O turismo nestas comunidades encontra-se em fase incipiente, onde a demanda é caracterizada pela sazonalidade, o que influencia na procura por determinados produtos (natureza) e serviços (ainda não qualificado). Há necessidade de profissionalização para bem receber e administrar a atividade turística são fatores determinantes para o bom desempenho do turismo local.

REFERÊNCIAS

BOULLON, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru: EDUSC, 2001. 275p.

CORIOLOANO, L. N. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, A. I; *et al*

(ORGs). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

CORIOLOANO, L. N. e LIMA, L. C. (org.). **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. Fortaleza: EDUECE, 2003.

BARRETTO, M.. **Relações entre visitantes e visitados**. Florianópolis. 2004. mimeo.

GRIMM, I. J. **Teoria e técnica do turismo**. Pomerode: 2008; mimeo.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 224p.

HENRIQUEZ, C. e TOMASELLI, T. Historia Oral de Candondongas. **Trabalho de conclusão da disciplina do sexto semestre Análise Ambiental de Empresas Turísticas do curso de Turismo e Lazer da Universidade Regional de Blumenau**. Docente Responsável Professor Dr. Carlos Alberto Sampaio. 2006. Mimeo.

ILLICH, Ivan. A convivencialidade. Lisboa: Europa-América, 1976.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ – IAP. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=54>. Acessado em 17 de novembro de 2009.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1989.

MAX-NEEF. M. **Desarrollo a Escala Humana**. Montevideo: Nordam comunidad, 2001.

MIRANDA, N. e URBAN, T. **Morretes, meu pé de serra**. Curitiba: Ed. do Autor, 2007. 131 p, il.

MOLINA, S. **O Pós-Turismo**. São Paulo: Ed. Aleph, 2003.

NETTO, A. P. e ANSARAH M.G.R. **Segmentação da mercado turístico: estudos, problemas e perspectivas**. Barueri,, São Paulo: Manole, 2009.

OLIVEIRA, M. M.A. e SARNEY J. F. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. Lei. 9985, artigo 2,

capítulo 1. Publicado no Diário Oficial da União de 19/07/2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

RIBEIRO, Marcelo. Turismo comunitário: relações entre anfitriões e convidados. In: **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas**. Barueri, São Paulo: Manole, 2009, p. 107 – 120.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI : desenvolvimento e meio ambiente**. Sao Paulo: Studio Nobel, 1993. 103p.

_____. **Inclusão social pelo trabalho**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 199p.

SACHS, I. e VIEIRA, P. F. **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. São Paulo : Cortez, 2007. 472 p, il.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano: princípios para pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SAMPAIO, C. A. C.; OYARZÚN, E. *et al*. Arranjo Socioprodutivo de Base Comunitária: análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e no Chile. In: **IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**. Caxias do Sul, 7 e 8 de julho, 2006.

SAMPAIO, C. A. C. e CORIOLOANO; L. N. **Dialogando com experiências vivenciadas em Marraquech e América Latina para compreensão do turismo comunitário e solidário**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. v. 3, n. 1, p. 4-24, abril 2009.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002, cap. 1 e 2.

ZAMIGNAN, G. **O perfil do turista da modalidade de turismo comunitário: um estudo da experiência de turismo de base comunitária na Microbacia do Rio Sagrado**. Monografia (Curso de

Graduação em Turismo e Lazer). Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Regional de Blumenau (FURB), 2009.